

O CINEMA COMO UM RECURSO PEDAGÓGICO NA ESCOLA: O PÚBLICO INFANTIL EM QUESTÃO¹

Rosânia Maria Silvano Bittencourt
zanebit@hotmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1929005838163814>

RESUMO

Trago uma discussão sobre o cinema enquanto recurso pedagógico, metodológico e subjetivo. Abordo as produções cinematográficas para o público infantil, e uma discussão sobre a institucionalização da infância, conceituando o cinema enquanto produção cultural, produto da indústria cultural e espaço de socialização e a criança como ator social e produtora de cultura. Conclui-se que é urgente repensar os currículos escolares, pois as produções cinematográficas reproduzem as normas sociais.

Palavras-chave: Criança; Infância; Escola; Cinema; Indústria cultural;

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo problematizar o cinema como um recurso pedagógico a ser utilizado na escola, voltado para o público infantil. O cinema é um veículo relevante e de grande influência nos meios sociais. Refletir sobre ele possibilita perceber o uso diferenciado de uma linguagem própria desse gênero discursivo, que, segundo Fantin, (2009, p.206), “nos dias de hoje é condição fundamental para a compreensão da experiência cultural das crianças”.

Muitos autores buscam na história diferentes perspectivas para compreender o cinema, enquanto espaço que produz conhecimento. No entanto, nosso propósito aqui não é o de contextualizá-lo em seus mais de 100 anos de história, nem tampouco entrar no mérito de muitos estudiosos e pesquisadores que discutem se o cinema é ou deixa de

1. Texto retirado da dissertação de Mestrado intitulada “Meninas e meninos, uma análise do Menino Maluquinho, o filme, sob o olhar do gênero”. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, 2012.

ser arte. Nosso objetivo maior é apresentá-lo enquanto espaço cultural e de socialização, na mesma medida em que é um produto da indústria cultural, mas também a fomenta.

Neste recorte, organizamos a discussão da seguinte forma: num primeiro momento, buscamos conceituar o cinema enquanto espaço de socialização e de produção cultural, articulado a ideia de que não pode ser desconsiderado quando se quer compreender a experiência cultural das crianças. Posteriormente, outro ponto analisado, foi a relação entre a indústria cinematográfica e a Indústria Cultural que tem o público infantil como alvo e é pensada no âmbito da lógica capitalista, com seus produtores, em sua grande maioria, ligados à classe dominante. Na sequência, apresentamos uma reflexão acerca da escola, espaço importante, não só para o prolongamento da infância e sua institucionalização, como também na desconstrução de normas pré-estabelecidas. Por último, abordamos o cinema utilizado como recurso pedagógico na escola.

Pautamo-nos, nesta discussão teórica em estudos e reflexões de pesquisadores/as que contribuem na discussão sobre o conceito de infância enquanto categoria social, além de autores/as que conceituam o cinema enquanto produção cultural, produto da indústria cultural e espaço de socialização.

O CINEMA ENQUANTO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO CULTURAL QUE PRODUZ SUBJETIVIDADES

Ir ao cinema nos dias de hoje é um privilégio de poucos: alguns não vão em função da comodidade proporcionada pela tecnologia, outros são impossibilitados pelo preço do bilhete na entrada. Inúmeras são as razões pelas quais se justifica o esvaziamento das salas de cinema, estes são apenas dois fatores. Sendo assim, conceituar o cinema é no mínimo compreender que “uma coisa é assistir a um filme, outra coisa é ir ao cinema” (SILVA, 2009, p.27). Assistir a um filme na sala de cinema, lugar para o qual foi originalmente concebido é, imensuravelmente, superior ao fato de assisti-lo na televisão ou em qualquer outro meio tecnológico.

O cinema, por sua magia, atinge diretamente todos os sentidos de quem o aprecia, seja pelo ambiente aconchegante – o escurinho –, seja pela sonorização, pelos casais enamorados, os funcionários e até a fila da pipoca, culminando com um espetáculo que mexe com os sentimentos, que tanto pode comover como causar repulsa.

O filme visto a partir de uma programação televisiva apresenta vários fatores que contrapõem o sentimentalismo cinematográfico. O principal corresponde às interrupções necessárias para a sobrevivência da emissora, quando o telespectador é surpreendido, muitas vezes nos melhores momentos, com um corte abrupto, para a veiculação da publicidade. Além desses fragmentos, existe ainda a imagem que, vista na televisão, torna-se infinitamente inferior a que é vista na tela do cinema, levando-se em consideração a iluminação, o diâmetro da tela e as conversas paralelas durante a exibição.

Diante destas tantas diferenças entre cinema e televisão e das diversas possibilidades de participação estética que eles oferecem, a diferença entre assistir a um filme no cinema e na televisão continua sendo um terreno de conflitos, pois considerar o cinema (como arte, dispositivo e linguagem) e os filmes em espaços diferenciados daqueles para os quais foram pensados modifica a forma de apreensão estética (FANTIN, 2011, p. 102).

De acordo com Catelli (2010), no final do século XIX pipocavam pelo mundo várias invenções tecnológicas. A segunda Revolução Industrial, chamada de Científico-Tecnológica, ocorrida a partir de 1870, promoveu modificações profundas no cotidiano das pessoas do mundo todo. Foi durante este período que surgiram novos equipamentos, como o telégrafo, o telefone, a iluminação elétrica, a fotografia, o cinema²⁹, a radiodifusão e a televisão, entre tantos outros produtos. No Brasil e em outros países, de acordo com esta autora, o cinema logo se transformou numa invenção de grande sucesso e em diversão popular dos grandes centros urbanos.

Em meio a tantos olhares e conceitos, buscamos entender o cinema como a grande novidade da arte do século XX enquanto produção cultural. Uma produção em que sua ficção é sempre engendrada pelas “verdades” da câmera. A magia cinematográfica possibilita, entre tantos conhecimentos, perceber o uso diferenciado de uma linguagem

própria desse gênero discursivo, que nos dias de hoje é condição fundamental para a compreensão da experiência cultural.

O cinema enquanto espaço de socialização cultural exerce uma forte influência na relação entre a imagem e o telespectador. As imagens fílmicas são produzidas para desencadear naquele que assiste uma série de provocações que vão confirmar ou desestabilizar as convicções padronizadas socialmente. Fantin (2011, p. 114) ressalta que “por ser um instrumento que difunde costumes e formas de vida de diversos grupos sociais, o cinema *difunde o patrimônio cultural da humanidade*”.

Para Duarte (2002, p.52), ao assistirmos a um filme buscando a sua compreensão estamos estabelecendo um diálogo com aquilo que já é conhecido, ou seja, “nosso entendimento é permanentemente mediado por normas e valores da nossa cultura e pela experiência que temos com outras formas de narrativas”.

Almeida (2004, p.41), ao conceituar cinema, lembra que o espaço físico é um fator importante, enquanto espaço temporal e de memória, na medida em que (re)significa os diferentes olhares. O cinema, para ele, vai além do filme, pois sua existência se dá antes e após a exibição cinematográfica, ou seja, o filme aparece como “objeto estético para o olhar do nosso corpo no mundo da cultura que permite que falemos/escrevamos sobre cinema com múltiplos olhares”. Na perspectiva de Silva (2009, p. 28) “o cinema [...] é uma das linguagens da arte que, assim como outras tantas, requer a figura do observador”. Portanto, entre o espectador e a imagem fílmica existe um espaço de subjetividades.

Neste sentido, partilhamos do pensamento de Fantin (2011, p. 1040), que propõe “considerar o cinema como ‘objeto plural’ que possui dimensões estéticas, cognitivas, sociais e psicológicas e que envolve produção cultural, prática social e reflexão teórica”.

Sobre a relação entre criança e cinema Truffaut (1975), em sua obra “O prazer dos olhos, escritos sobre cinema”, admite que ela é sub-representada no cinema, pois, segundo ele, existe uma quantidade significativa de filmes *com* crianças, porém, poucos são *sobre* crianças. A criança encanta pela poesia que lhe é representada e não pelo talento a ela atribuído, pois “como os filmes são comercialmente elaborados em cima da exibição de estrelas, a criança só é utilizada neles como extra, à margem da ação e não raro de forma decorativa” (TRUFFAUT, 1975, p.35).

Os Estudos Culturais, de acordo com Costa, Silveira e Sommer (2003), ao referirem-se ao currículo cultural, traz à tona as subjetividades e as representações de si próprio/a, de mundo e de sociedade, produzidas pela mídia que trazem no bojo um conjunto de saberes, valores, formas de ver e de conhecer o que está sendo ensinado. Quanto à pedagogia de mídia, as/os autoras/as referem-se à prática cultural problematizada com o intuito de ressaltar a dimensão formativa de comunicação e informação na vida contemporânea com reflexos na política cultural, ultrapassando a produção das barreiras de classe, gênero sexual e modo de vida.

Para entender como o cinema atua no imaginário infantil, buscamos nos estudos de Fantin (2009) o entendimento entre imaginação e imaginário, compreendendo a imaginação como uma instância de produção semiótica e apropriação cultural e o imaginário como sendo um acervo do imaginado numa dimensão coletiva. Este entendimento permite reconhecer a forte expressão do cinema, fator que o diferencia de outras instâncias midiáticas.

As crianças são diretamente influenciadas pela produção e pelo consumo de conceitos sobre o que o conjunto social acredita ser importante, mas por meio dos diálogos com os filmes a criança constrói a sua significação. A recepção desse meio audiovisual depende dos elementos escolhidos por ela para que dê sentido ao conteúdo simbólico. Algumas desencadeiam a assimilação partindo da sua vida pessoal, vivência familiar; outras permeiam pelo campo de sua origem social e história, e outras ainda procuram o significado no grupo ao qual pertencem.

Assim, o que é produzido para elas nunca é ingenuamente lançado ao mercado, pois vêm carregados de interesses culturais, políticos e econômicos. Sabe-se que a mídia é altamente persuasiva no que diz respeito às crianças. Ela tem o poder de modificar hábitos e transformar mentes, porém a criança nem sempre é passiva com o seu entorno, ela é sujeito da sua história, ela tem opinião! A partir do que sabe, do que conhece, reconstrói conceitos e constrói cultura.

A televisão procura fazer com que a criança se comporte como um consumidor compulsivo, não sendo capaz de resistir ao fascínio do produto anunciado com o jogo de imagens e os comportamentos adotados pelos modelos ao persuadir o consumidor

infantil, de tal modo que “o brinquedo se tornou uma indústria da imagem, especialmente sob a pressão da televisão, que é hoje o único meio de se dirigir diretamente à criança” (BROUGÈRE, 2004, p. 19).

Em se tratando de filme, cinema e infância, ficam algumas questões: as obras cinematográficas voltadas para o público infanto-juvenil fazem refletir sobre os meandros da infância ou são apenas objetos de desejos que refletem as mais altas cifras aos olhos de quem as idealizou? Elas são feitas com, para ou sobre as crianças?

AS PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS PARA O PÚBLICO INFANTIL

Para analisar a estreita ligação entre a Indústria Cultural com a Indústria Cinematográfica, buscamos em Santos (2006, p. 1), que recorreu às teorias críticas clássicas de Adorno e Horkheimer, representantes da Escola de Frankfurt, “os primeiros a utilizarem o termo Indústria Cultural”. De acordo com este autor, o cinema, o rádio, a televisão e as artes gráficas são produtos da Indústria Cultural e têm os seus controles diretamente ligados aos produtores capitalistas, em sua grande maioria, pertencentes à classe dominante.

Dentro dessa lógica capitalista, o filme é considerado na atualidade apenas um dos produtos agregados a outros, formando um pacote multimídia de consumo cultural, de modo que os custos dessa produção, incluindo principalmente a bilheteria, são totalmente orquestrados por uma ampla estratégia publicitária e de marketing.

A indústria cinematográfica voltada para o público infantil aposta altas cifras com a certeza do retorno, sustentada pela Indústria Cultural. Isso significa que analisar e refletir sobre as relações entre Indústria Cultural e a infância, perpassa as esferas do capitalismo e seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais.

Para compreender o cinema enquanto Indústria Cultural buscamos em Fantin (2011, p.78) o entendimento de que, além do prazer, da linguagem, do texto e todas as sensações que ele provoca, “o cinema deve ser entendido, também, como um produto industrial de um sistema capitalista que visa o lucro não só com o produto direto de seus filmes, mas também com todos os subprodutos decorrentes”, fato que é perceptível a

partir das grandes produções ou películas de notáveis divulgações que vão para salas de cinema, com intuito de divertir os espectadores que apreciam a sétima arte. Estas tramas engordam bilheterias e ainda aumentam o faturamento com os produtos carimbados com a marca do respectivo filme, que viram febre nacional como camisetas, cadernos, bonés, enfim, acessórios para todas as idades.

Em 1993 foi aprovada a Lei nº 8.685, conhecida como Lei do Audiovisual, que passou a ser utilizada muitas vezes em conjunto com a Lei Rouanet, permitindo às empresas que investissem na produção de longas-metragens com um abatimento no Imposto de Renda (com limite de 3% do total do imposto e teto de R\$ 3 milhões por projeto). Essa lei permitia ainda que as distribuidoras estrangeiras em atividade no Brasil pudessem investir parte do imposto sobre a remessa de lucros na produção de filmes nacionais. Em 1994, com a chegada da nova moeda, o Real, a inflação começa a ter o seu controle e a indústria cinematográfica nacional passa a se desenvolver rapidamente.

Com o crescimento da indústria cinematográfica, os interesses se voltaram para o público infantil, de modo que os desenhos animados, no formato de filmes infantis, têm sido produzidos em número cada vez maior. Esses artefatos, ao mesmo tempo em que divertem, exercem uma determinada pedagogia cultural, carregada de intencionalidades.

Esses filmes, cada vez mais, vêm conquistando as crianças que são seduzidas por uma realidade fantasticamente fantasiosa, no qual o bem sempre vence o mal. Bandidos são presos ou exterminados e a princesa sempre é salva e termina a história ao lado de seu príncipe, constituindo o desfecho final “viveram felizes para sempre”. Segundo Louro (2008, p.82), “o cinema foi eficiente ao se valer de outras formas de arte, tanto que acabou por se tornar uma das mais consumidas” e, portanto, é primordial que se investigue o impacto que a mídia cinematográfica exerce sobre as sociedades, pois, segundo a autora, o filme exercita a pedagogia cultural com poder de sedução e autoridade.

Mas, essa sedução não anula ou substitui o mundo real. Conforme os estudos de Gisele e Josiele Kaminski Corso (2006, p. 3), “a criança transfere essas experiências para o seu cotidiano, mas muitas vezes acaba se decepcionando ao perceber uma sociedade tão utópica, na qual, sua vida é muito distinta daquela proposta pelos vídeos”.

As tramas muito bem elaboradas confundem a vida real com a ficção, envolvendo o espectador e o personagem numa relação de cumplicidade, desta forma, o cinema provoca emoções nos espectadores por meio de uma falsa impressão da realidade.

[...] é impossível deixar as emoções de lado, delimitar identificação ou oposição aos personagens, pois é possível sentir, por meio deles, alegrias e sofrimentos, angústias e felicidades, certezas e dúvidas. É difícil ficar inerte a esses aspectos, pois o filme funciona como uma espécie de espelho, o qual projeta uma possível auto-imagem que se reflete na imagem do sujeito. Assim, o filme passa a potencializar a formação de valores, a vincular o discurso sobre a realidade, que apesar de parecer neutro/ingênuo ou inofensivo, favorece alguns “pré-conceitos” estabelecidos pela própria mídia e que a sociedade os acolhe (CORSO, 2006, p.03).

Fantin (2011, p. 56) nos adverte que os sujeitos, em especial “a criança, não se limita a receber passivamente os conteúdos das mídias, pois reativa-os apropriando-se deles em suas culturas infantis”.

As produções fílmicas são artefatos culturais com uma enorme penetração no mundo contemporâneo e estão muito presentes no cotidiano das crianças e no universo escolar, constituem-se importantes recursos pedagógicos de produção e transmissão de conhecimentos e saberes. No espaço escolar a criança, no exercício de seu ofício de aluno/a convive com diferentes recursos didático-metodológicos utilizados por seus professores e professoras, e dentre muitos estão aqueles mediados pela mídia eletrônica. As obras cinematográficas há bastante tempo vem sendo utilizadas como importante instrumento metodológico e instigador que podem contribuir para a desconstrução de estigmas sociais e culturais.

O CINEMA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NA ESCOLA

A escola enquanto espaço pedagógico pode contribuir para a construção do modo de ser e pensar das crianças. Cabe ao corpo docente e à direção oferecer um trabalho diferenciado, rompendo com a ideia de que a escola se constitui apenas como reprodutora dos conceitos socialmente estabelecidos.

É possível entrecruzar as questões do cinema com a educação, possibilitando “o encontro de diferentes olhares de produção e de apropriação sobre questões que cercam o próprio exercício do olhar, do pensar e do fazer”. É o que acredita Silva (2009, p. 57), que ainda complementa que a escola deve garantir uma educação de qualidade, possibilitando o acesso ao capital artístico cultural a todos/as, por direito.

É função principal da escola, romper com os estigmas sociais e culturais. O educador precisa se imbuir de um referencial teórico que articule significativamente as linguagens da criança, incluindo prioritariamente o lúdico, a arte e as narrativas, sem ignorar as produções culturais em seus projetos de ensino. Fantin (2003, p.2) acredita que educar neste contexto extrapola o ato de ensinar que tradicionalmente se concebe, mas para isso é preciso que se traga à tona “as perspectivas de construção da experiência no sentido benjaminiano, na conquista da capacidade de ler e narrar o mundo”, de modo que as diferentes formas de produção da cultura sejam criativas.

O cinema na escola deve ultrapassar os limites da transmissão de conteúdos, para tanto é importante que a comunidade escolar desenvolva o gosto de assistir a filmes. Isso pode e deve ser oferecido pela escola, para muitos talvez o único espaço privilegiado capaz de ofertar bons filmes. A escola pode também aliar o entretenimento com o objetivo que deseja alcançar na busca de determinados conteúdos. Para isso, Duarte (2002) salienta que os/as professores/as devam ter um mínimo de conhecimento de cinema para orientar suas escolhas.

É preciso que se perceba a mídia como propagadora de ideias e, por assim ser, capaz de divulgar diferentes modelos de educação e outros modos de ser criança que resistem, mas que também existem. Duarte (2002, p. 83) nos garante que “temos muito a ganhar se assumirmos a prática de ver filmes como parceira na transmissão de conhecimentos do que como rival das atividades que definimos como verdadeiramente educativas”.

Um filme a que se assiste em casa ou no cinema não pode de maneira alguma ser visto da mesma forma no ambiente escolar. Esse recurso deve ser propositivo, encorajador e transformador de consciências.

[...] é tratar a mídia e a escola com um vitalismo de fundo estético, que compete às nossas formas de subjetivação. É analisar como aquilo que nos afeta é capturado pelas câmeras desejosas da televisão; é descrever os meandros, os labirintos, os nós dessa captura, de tal modo que com isso nosso incômodo e nosso desconforto se façam visíveis [...] (FISCHER, 2008, p.37).

Para que se assista a um filme na escola é importante considerar os devidos cuidados na sua apropriação e transposição didática. A escola é um espaço mediador e, portanto, da mesma maneira que se ensina também se aprende sobre as questões implicitamente veiculadas nas mídias. Este procedimento garante à escola a confiança da boa informação em todos os aspectos, principalmente “sobre mitos e modelos, sobre inculcações de valores subliminares e tantas outras informações críticas que podem qualificar e apurar seu olhar e quem sabe até potencializar a fruição de crianças e educadores” (FANTIN, 2003, p.9). Esta autora acredita que o cinema possibilita o exercício da capacidade humana ao vivenciar uma relação entre a fantasia e o mundo real, que pode ser compartilhada com outras crianças, simultaneamente.

Aos educadores e educadoras cabe a preocupação quanto aos projetos de ensino, um trabalho com uma dimensão pedagógica que incite a crítica nas produções culturais, que possibilite aos educandos/as momentos de leituras de imagens e de discursos cinematográficos, para que sejam críticos consigo mesmos ao analisá-los. Sobre isso Napolitano (2003) complementa:

É preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, porém sem negá-la. A diferença é que a escola, tendo o professor como mediador, deve propor leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com o conteúdo escolar. Este é o desafio (NAPOLITANO, 2003, p. 15).

A escola, em determinados momentos, apresenta-se como parceira de pesquisadores que mergulham em temáticas polêmicas que atingem educadores e educandos, a fim de desconstruir “pré-conceitos” que se perpetuam como verdades sociais. A falta de embasamento teórico entre os educadores, de um modo geral, não permite o avanço dessas problemáticas, contribuindo para a reprodução dos modelos de

classe, raça e gênero, indicando que “tais conhecimentos que pareciam cristalizados, hoje, pelo menos, estão sendo colocados em dúvidas” (SAYÃO, 2004. p.44).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo é possível afirmar que a criança é um sujeito social que pensa, que sente, se expressa, se movimenta em suas dimensões sociais e psicológicas. Um ser que tem história e que é capaz de reconstruí-la.

Trazer o cinema para a sala de aula possibilita aos educandos/as o questionamento dos códigos culturais. É uma importante ferramenta que permite posicionar-se diante do mundo real, exigindo do educador/a uma atenção constante no diálogo com outras culturas e ao contexto sociopolítico, econômico. Enfim, é um desafio que exige estar sempre atualizado/a.

A escola precisa reinventar a poesia que é própria das crianças, no ato de educar e, do mesmo modo, buscar uma prática estética, sensível e criadora, compreendendo a criança enquanto sujeito que cria e recria a cultura.

Em um filme, quando trabalhado na escola, não se pode deixar de problematizar as mais diferentes questões que, por ventura, venham a ser suscitadas, social e politicamente, possibilitando um debate e possíveis mudanças no ambiente escolar e por consequência na sociedade em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons: a nova cultura oral**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2004 110 p.

CATELLI, Rosana Elisa. Coleção de imagens: **o cinema documentário na perspectiva da Escola Nova, entre os anos de 1920 e 1930**. Educação & Sociedade, v. 31, p. 605 - 624, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber. SILVEIRA, Rosa Hessel. SOMMER, Luiz Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. n.23, mai/jun/jul/ago. 2003.

CORSO, Josiel e Kaminski. **A construção do sujeito por meio d'Os incríveis artefatos da produção cinematográfica**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006, Florianópolis. Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, 2006. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/C/Corso-Corso_54.pdf>. Acesso em: 14 out. 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FANTIN, Monica. **Produção cultural para crianças e o cinema na escola**. Anais da 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas, Milano, 2003.

_____. **Cinema e Imaginário infantil: a mediação entre o visível e o invisível**. Educação e Realidade. 34(2), PP 205-223, mai/ago,2009.

_____. **Crianças, cinema e educação, além do arco-íris**. São Paulo: Annablume, 2011.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Imagens da mídia, educação e experiência. In: FANTIN, Mônica. GIRARDELLO, Gilka (Orgs). **Liga, roda, clica: Estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo, a criança e a educação**. São Paulo: Pioneira. 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Cinema e sexualidade**. Educação e Realidade. 33(1): p. 81-98. Jan/jun, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

PESQUISADORES DO PPGE/CE/UFMS. Pesquisa intitulada "**A Indústria cultural, a infância e a educação**". Disponível em <www.ufsm.br/gpforma/2senafe>. Acesso em 24/março/2011. Seminário Nacional de Filosofia e Educação; Anais [recurso eletrônico] / II

Seminário Nacional de Filosofia e Educação: 27 a 29/09/2006–Santa Maria. FACOS-UFSM, 2006.

SAYÃO, Deborah Thomé. Infância, sexualidade e educação: aspectos das relações entre profissionais e crianças. In: SARTORI, Ari José. BRITTO, Néli Suzana (org). **Gênero na educação: espaço para a diversidade**. Florianópolis: Genus, 2004.

SANTOS, Jean Isídio dos. **O Cinema e a Indústria Cultural**. Revista Crítica do Cinema. Ano 01, n. 01, dez. 2006.

SARNENTO. Manoel Jacinto. **Os ofícios da Criança**. In Congresso Internacional “Os mundos sociais e culturais da infância”, 2000, Braga. Actas... Braga Universidade do Minho, 2000.

SILVA. Cristiani Bereta. SILVA. Cintia Tuler. Formação docente em Gênero e Diversidade na Escola. In: MINELLA. Luzinete Simões. CABRAL. Carla Giovana (Orgs). **Práticas Pedagógicas e Emancipação: Gênero e Diversidade na Escola**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

TRUFFAUT, François. **O prazer dos olhos, escritos sobre cinema**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

SOBRE A AUTORA:

Mestra em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, membro do grupo de Pesquisa História e Memória em Educação – GRUPHEME/UNESC. Gestora pública municipal, eleita pelo voto popular.